



Núcleo de
**Solidariedade
Técnica**

Êêêetcha!

MARÇO DE 2007



EDITORIAL: O SOLTEC completa quatro anos e se pergunta: O que vou ser quando crescer? *por Sidney Lianza*

O SOLTEC/UFRJ completou, no dia 13 de março, seu quarto aniversário. Já estamos andando, falando e refletindo. Pensar todo mundo pensa. Mas com muita coisa para aprender sobre esse mundão de Deus. A data considerada como a de fundação do Núcleo, refere-se àquela em que o Colegiado do Departamento de Engenharia Industrial aprovou o programa e o planejamento do SOLTEC/UFRJ, construído por dezenas de mãos de estudantes e professores, durante as férias de verão do ano de 2003.

No último relatório de atividades do Núcleo, enviado à Pro-Reitoria de Extensão da UFRJ, na qual o SOLTEC é um de seus Programas, foram computados 70 integrantes, entre estudantes, professores, dentre bolsistas e voluntários. Naquele momento participava em 9 projetos, localizados na cidade do Rio de Janeiro, São João do Meriti, Caxias e Macaé. Outra característica relevante é a multidisciplinariedade da composição de seu coletivo: estudantes e professores oriundos das diversas engenharias, química, medicina, belas artes, geografia, ciências sociais, biologia, história, serviço social, economia etc. A experiência tem despertado interesse manifesto e prático de setores dirigentes ou de grupos de pesquisa e extensão de outras

universidades, seja no estado do Rio de Janeiro, seja em outros estados do sudeste e do nordeste.

Destacou-se, nestes últimos três meses, o crescimento significativo da adesão de voluntários, sejam estudantes de graduação, sejam profissionais seniores, sejam profissionais graduados, mestres e doutores, com interesse expresso em integrar ao núcleo.

A disciplina Gestão de Projetos Solidários, em sua nona edição, oferecida pelo Departamento de Engenharia Industrial, continua sendo um elemento síntese do núcleo, um laboratório de ensino, pesquisa e extensão. Sem pré-requisitos, tem atraído a participação de estudantes de graduação de várias habilitações, mas também como ouvintes, graduados e pós graduados.

Nos dias 24 e 25 de março o SOLTEC-UFRJ, em reunião geral, definiu o primeiro movimento que o levará à confecção de seu Planejamento Estratégico de Ações para o período 2007-2011. O segundo momento será a abertura dessas definições aos parceiros acadêmicos e atores sociais.

Uma das questões que emerge nesse processo é a definição do

caminho a seguir para a institucionalização do SOLTEC/UFRJ.

A visão e a prática do Núcleo, nestes quatro anos, sempre buscando desenvolver competências sócio-técnicas de sorte a contribuir com a definição de políticas públicas tanto de geração de trabalho e renda como de promoção dos direitos humanos, levaram o núcleo a refletir e agir frete ao seu futuro. O caráter interdisciplinar mostra-se incontornável para fazer frente a temas fundamentais para o meio ambiente, onde estão inseridos os seres humanos, e, em especial, para a sociedade brasileira, onde assuntos como a Saúde e Direitos Humanos surgem com toda força.

Emerge com vigor no âmbito do SOLTEC/UFRJ a consciência de que este deva ser institucionalizado como um Núcleo de ensino, pesquisa e extensão da UFRJ, provavelmente no âmbito do Centro de Tecnologia. Esse processo visaria ampliar a participação de estudantes de graduação da Universidade, de professores colaboradores e visitantes, a criação de novas disciplinas, novos cursos e linhas de pesquisa e extensão, contribuindo de maneira mais consistente com o compromisso da Universidade com o eco desenvolvimento social do país.

IV ENEDS

Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social

A comissão organizadora do IV ENEDS já está se reunindo semanalmente para organizar o Encontro, que ocorrerá nos dias 30 e 31 de agosto. Caso queira participar da comissão organizadora envie um email para flaviohedid@yahoo.com.br ou brenozurli@gmail.com e se informe melhor.



Seminário implanta a Rede Solidária da Pesca por Gisele Maia (www.ufrjmar.ufrj.br)

Entre os dias 7 e 10 de março, a cidade de Macaé serviu de cenário para o **II Seminário “Redes Solidárias na Cadeia Produtiva da Pesca - das experiências em Macaé e Alto-Médio São Francisco às diretrizes de implantação”**.

Durante os quatro dias de encontro, a troca de idéias para a formação de uma Rede que crie alternativas para sustentabilidade sócio-econômica e ambiental da pesca artesanal reuniu no Nupem/UFRJ (Núcleo de Pesquisas em Ecologia e Desenvolvimento Sócio-ambiental de Macaé) universidades e instituições de pesquisa do Brasil, de Portugal e do Canadá, uma cooperativa de seguros portuguesa Mutua de Pescadores bem como associações e colônias de pescadores dos estados do Rio e de

Minas Gerais, representantes do projeto Pro-várzea/IBAMA, de prefeituras, da SENAES/MTE (Secretaria Nacional da Economia Solidária), da Petrobrás, da Agenda 21 e de Organizações Não-Governamentais.

A idéia de formar uma Rede que leve em conta a geração de trabalho e renda, a valorização da cultura pesqueira e a melhoria da qualidade de vida das comunidades no entorno nasceu da visita técnica de uma equipe do SOLTEC ao projeto PPÁgua (Peixe Pessoas e Água), que atua na região do Alto-Médio São Francisco. Fruto dessa primeira aproximação, foi realizado o I Seminário, em Pirapora/MG, em dezembro de 2006, se fortaleceu o contato com comunidades pesqueiras de Portugal, se

estabeleceu uma relação com entidades ligadas a pesca em Moçambique e nós aproximamos ainda mais da Colônia Z-10 (Ilha do Governador/RJ).

O Seminário conciliou um roteiro de visitas pela cidade de Macaé, exposições e trocas entre as diversas comunidades, entidades e projetos, manifestações de cultura local, debates acerca das questões que fazem parte do dia-a-dia da pesca artesanal no Brasil e no Mundo, finalizando o evento com a implantação da Rede Solidária da Pesca, que começa a planejar ações integradas desde já por meio de grupos temáticos compostos por representantes das comunidades e instituições parceiras. Um terceiro seminário está agendado para março de 2008, em Santarém/PA.

PRUCORE no segundo tempo

Por Elisa Chaves, Patrick França e Rodrigo Takahashi

Depois de nove meses na fase de sensibilização, o projeto encontra-se em sua segunda fase desde fevereiro de 2007 sob a coordenação do atual decano do Centro de Tecnologia da UFRJ, prof. Walter Suemitsu. Para aqueles que ainda não conhecem, o PRUCORE foi um estudo desenvolvido pelo Núcleo de Solidariedade Técnica com objetivo de incentivar e articular uma gestão integrada de resíduos da Ilha do Fundão, contemplando todos os seus aspectos econômicos, sociais e ambientais. Tratando o catador de lixo, classe de trabalhadores informais que geralmente são vistos como objetos descartáveis assim como o lixo que coletam, como um agente ambiental e inserindo-os economicamente na sociedade, agregando valor e dando escala para a atividade de coleta e reciclagem de resíduos.

Durante a primeira fase, conseguimos sensibilizar a alta administração da UFRJ sobre a importância da implantação de uma política de gestão integrada de resíduos com enfoque na geração de trabalho e renda para catadores de material reciclável e proteção do meio ambiente (pelo menos o da Ilha do Fundão).

Agora, na fase de implantação, segundo designação do Pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento da UFRJ, Carlos Levi, o PRUCORE será executado como piloto no Centro de Tecnologia. Ou seja: o CT terá a implantação de uma política de gestão de resíduos baseada na coleta seletiva solidária, com a destinação dos materiais recicláveis recolhidos no Centro para cooperativa(s) de catadores (conforme exigência do Decreto Lei nº 5940).

Portanto, alunos, professores,



técnicos administrativos, frequentadores do CT, a implantação da coleta seletiva no centro é uma das prioridades da decania e qualquer interessado em colaborar para a ação pode entrar em contato com a decania do CT para participar. Telefone: 2562-7009

Gracias y hasta luego!

Os estudantes Elisa Chaves e Rodrigo Takahashi, escreveram a matéria diretamente de Havana, Cuba, em uma “missão especial” para dar uma informação sobre o PRUCORE. Patrick França é um dos novos bolsistas do SOLTEC.



Confraternização após uma reunião do PRUCORE



Novos sonhos e horizontes para Vila Paciência por Marcelo Barral e Isis Altgott

Os últimos meses tem sido de muitos projetos e discussões em torno da comunidade Vila Paciência (VP). No dia 12 de fevereiro, a equipe do SOLTEC, em parceria com o CEDAPS (Centro de Promoção de Saúde), promoveu um encontro a fim de se discutir a construção de uma Agenda de Desenvolvimento Local voltada para políticas públicas e o auxílio técnico da cozinha comunitária.

Estiveram presentes entidades importantes como a Caixa Econômica Federal, a Pastoral da Criança, a Associação de Moradores local, a Associação de Moradores de Urucânia (comunidade vizinha), o administrador regional de Pedra de Guaratiba, além de alguns moradores.

No evento, pudemos discutir certas características e os principais problemas encontrados no empreendimento e na comunidade como um todo. Dentre as características, destaca-se a semelhança da comunidade com a Cidade de Deus, mas ao contrário

do que ocorre lá, falta integração em VP, bem como um Comitê Comunitário. Temos a falta de saneamento básico e as precárias condições de habitação como lacunas emergenciais. Tais pontos fazem parte da proposta de atuação da Caixa, o que nos deixa na expectativa. A questão do PSF (Programa de Saúde da Família), inexistente na comunidade, e a proposta de utilização do espaço da Casa da Paz, um projeto abandonado, também foram enfatizadas. A coordenadora da AP5.2 será contatada, e a questão será encaminhada para a Secretaria de Ação Social do estado do RJ. Em relação à cozinha, o escoamento da produção e a integração das mulheres são as maiores dificuldades. Dessa forma, a visita da ITCP/COPPE realizada no dia 05 de março nos gera muita ansiedade, pois será uma ótima oportunidade para que o projeto deslanche de vez. A nova incubadora do CEFET também a analisar a o empreendimento caso a ITCP não se

interesse. Agora nos resta esperar 60 dias a partir do último dia 05, para termos o resultado da análise.

Enfim, nossas expectativas agora são muito grandes e é hora de trabalho, e muito. Buscaremos a articulação junto ao governo do estado e à prefeitura, assim como o sinal positivo da Caixa, para dar melhores condições de vida a essa comunidade. Além disso, aguardamos a resposta da ITCP ou do repasse à incubadora do CEFET para planejar o futuro do trabalho do SOLTEC em Vila Paciência, pois caso a cozinha seja incubada, nossa função será a de articulação com o poder público. Vamos em frente!



Cozinha de Vila Paciência



Um alô da selva! por Felipe Addor

Queridos soltecos, depois de 4 anos atuando no SOLTEC, desde sua criação, este ano os deixo, em busca de uma nova experiência. No distrito de Iauaretê, município de São Gabriel da Cachoeira, AM, continuarei trabalhando por um outro possível mundo. No entanto, mais do que contribuir para o desenvolvimento sustentável da região do alto Rio Negro, com certeza eu serei o grande beneficiado dessa viagem, aprendendo com os verdadeiros donos desta terra.

Coloca-se aqui um diferente contexto, dentro de uma Reserva Indígena, que possui milhares de índios de dezenas de etnias diferentes. Tentarei trabalhar na busca de dois objetivos: a

melhoria da qualidade de vida dos indígenas; a manutenção de sua cultura, de seus hábitos, de sua crença, de seus mitos.

Essa atuação coloca diversos questionamentos que nos fazem repensar alguns de nossos métodos e princípios. Como realizar projetos de geração de trabalho e renda sem, necessariamente, monetarizar uma comunidade em que a prática do escambo ainda é predominante? Devemos valorizar a acumulação, de produtos ou renda, pois facilitaria a busca por melhor qualidade de vida, ou isso traria impactos culturais e sociais negativos para um povo que sempre trabalhou para o objetivo único de satisfazer suas necessidades? Qual é o limite saudável de troca com a

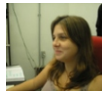
“civilização”? Não espero respondê-las, mas refletir sobre elas, na esperança de que essa experiência me torne um profissional e, principalmente, uma pessoa melhor.

Em breve estarei de volta. Boa sorte para vocês no Rio. Mantenham o SOLTEC aceso. E, nos intervalos, aceito visitas. SELVA!



Rio Negro visto a partir da cidade de São Gabriel da Cachoeira

“A Escola tá na rua no meio do povo...Unidos por um mundo novo” por Mariana Pollitano



A Escola Municipal de Pescadores de Macaé surgiu em 2003, de uma parceria entre a Prefeitura de Macaé e a UFRJ. A idéia era que estudantes da Universidade, de graduação e pós-graduação, ministrassem aulas na escola. Sendo essa uma escola de período integral, de caráter técnico a partir do segundo segmento do ensino fundamental. Tem como finalidade evitar a evasão de estudantes, que se dá em sua maioria nesse período, e assim possam futuramente se inserir em algum segmento da cadeia produtiva da pesca, contribuindo para que essa atividade histórica de Macaé não acabe.

Iniciou com um grupo pequeno e hoje, devido a grande procura da escola por parte da população, a equipe de estudantes-professores teve um aumento considerável.

Em Janeiro de 2007 a Equipe de estudantes-professores que compõem a Escola de Pescadores, participou de duas semanas de atividades intensas no campus da Ilha do Fundão, organizado pelo Núcleo Interdisciplinar UFRJmar, com o caráter de formação desses estudantes, além do planejamento correspondente às duas semanas

que antecederam o carnaval na escola. Assim, como no ano anterior, essas semanas antecessoras ao carnaval foram voltadas para a criação do bloco de carnaval da escola, com direito a samba-enredo, barco de som, bateria, fantasias, jornal informativo, dentre outros, sendo tudo feito pelos alunos, através de oficinas multi-seriadas que tinham os estudantes-professores da UFRJ como orientadores. O objetivo maior dessa atividade é promover uma maior integração entre aluno/professor, aluno/aluno e professor/professor, além de propiciar a alegria e o entusiasmo dos alunos com a saída do bloco.

A escola chega ao quinto ano de vida, e conta hoje com disciplinas como Relações Sócio-Ambientais, mais conhecida como RSA, coordenada pelo Núcleo de Solidariedade Técnica, SOLTEC/UFRJ. Conta com profissionais de Biologia, Engenharia, Ciências Sociais, Geografia, Comunicação Social, História e Serviço Social, além de dois estudantes de Tecnologia Pesqueira que são da comunidade local. Essa disciplina conduz os alunos a pensarem criticamente a

respeito de um determinado assunto, isto é, não há respostas prontas, o professor dá os instrumentos e o aluno chega a uma conclusão.

A disciplina de RSA para alunos do sexto ano trabalha com a temática da escola, pois se considera que os alunos precisam compreender essa instituição escolar, na qual ingressam. À medida que avança a série, esse foco se amplia, tendo como tema na sétima série “A Cidade que Temos e a Cidade que Queremos”, levando os alunos a pensarem a respeito de sua cidade. Na série seguinte estuda a cadeia produtiva da pesca, fazendo um diagnóstico de seus entraves, e por fim a nona série, que possui mais um caráter de ação, intervenção, sobre o estudo feito no ano anterior dos entraves da cadeia produtiva da pesca.



Bloco da Escola de Pescadores de Macaé empolgando o público



Mutirão da APAC

Mutirão na APAC por Marcos Serrão



No dia 17 de março, um sábado, foi realizado um mutirão no terreno da Apac (Associação dos Produtores Autônomos da Cidade e do Campo) para a implantação do projeto de Horta Comunitária, idealizado pelo ex-bolsista do SOLTEC, Rodrigo Horta. Cerca de 30 voluntários se mobilizaram, entre os quais, vários meninos do Abrigo Criança Feliz; Xico Lara e Beatriz Costa, da CAPINA (Cooperação e Apoio a Projetos de Inspiração Alternativa), jovens do GAE (Grupo de Agricultura Ecológica), além, é claro da vizinhança e membros do Soltec e da Apac. Um fundo musical com música brasileira da melhor qualidade nos serviu de inspiração. Para refrescar e repor as energias, foram servidos refrescos de guaraná e algumas frutas. Uma macarronada maravilhosa foi servida na hora do almoço. À tarde, houve diversas atividades culturais.



Homem Estátua por Felipe Addor

Estávamos caminhando à noite pela aconchegante São Luís, a capital mais franco-lusitana do país, e paramos numa barraca na busca de sabores tradicionais da região. Quando estávamos comendo chegou um rapaz, com o corpo ainda meio sujo. Tinha menos de 1,70 m, tez clara, cabelos crespos curtos, bem típico de pessoas do nordeste. Estava embrenhado em uma raiva que o fazia parecer embriagado.

Ele trabalhava imitando estátua, permanecendo imóvel até que alguém desse uma contribuição em sua urna, momento em que ele fazia um movimento lento, carinhoso de agradecimento. Disse que um grupo de muleques (*sic*) o tinha roubado.

Refletimos sobre o fato. Sobre o esforço de uma pessoa humilde, que opta pela vida de artista, se esconde e vive para fazer os outros sorrirem e se admirarem, e daí retira seu sustento. E da injustiça de ter sua parca receita roubada.

Ainda estávamos cabisbaixos e reflexivos, quando avistamos uma linda criança, mulata, de belos olhos e cabelos negros e sorriso expansivo. Estava de mãos dadas

com um homem. Ao levantar o olhar, nos deparamos com a vítima de mais cedo. Ele passa com a criança e a coloca sentada em seu ombro. Ele sai caminhando e saltitando, dando chutes pros lados, no mais perfeito estilo Carlitos. A felicidade da menina era imensurável. Após ter o suor do seu dia roubado, ele ainda conseguia tirar sorrisos da criança.

Na noite seguinte, o encontramos com o artista se preparando para fazer sua encenação no centro histórico. No entanto, a chuva o impediu de tirar seus trocados naquela noite. Viver a segunda noite seguida em que o artista saíria quase liso nos mobilizou. Fomos dar-lhe um consolo financeiro e emocional. Este último não foi necessário, já que ele já animava um senhor e uma moça à sua volta. Mas conversamos com ele.

Jodaílton nasceu em Aracajú. Sua mãe o jogou em uma lata de lixo, de onde foi tirado pela sua madrasta. Foi criado por ela até os 12 anos. Mas ela não gostava dele como de seus irmãos, filhos de sangue. E lhe dizia isso diretamente. Em função disso e outro maltratos, Jodaílton

fugiu de casa. Aos 14, resolveu ir tentar a vida no Rio de Janeiro. Foi “de pé” até Salvador. Só lá, conseguiu uma carona para a Cidade Maravilhosa.

Teve uma oportunidade de fazer curso de circo. Mas, contou que eram mal tratados. Almoçavam café com pão. Seu professor também era orgulhoso demais (*sic*). Preferiu “se virar” na rua, usando o que aprendeu nas aulas de circo.

Perguntamos se a menina com que estava no dia anterior era sua filha. Disse que não; que a conheceu em São Luis, mas que tinha se apegado a ele. Família, deixou no Rio. Viveu com uma mulher que o traiu com um traficante. Foi expulso do morro. Deixou um casal de filhos com ela. Mora num quarto alugado atrás da Central do Brasil.

Hoje, com 30 anos, está viajando para o norte do Brasil. Não sabe por quanto tempo, nem para onde vai no dia seguinte. Só sabe que por aqui é mais tranquilo que no Rio. Não bebe, não fuma e não rouba. A única coisa que o aflige um pouco é saber como estão seus filhos no Rio; se estão bem, se estão grandes.

Novos jovens no projeto Cidade de Deus por Tatiana Mota



Em março de 2007 uma grande transformação se passou no projeto de inclusão produtiva de jovens na Cidade de Deus (CDD). Após cerca de um ano de trabalho, foi concluída a primeira fase do projeto, que se constituiu, de modo geral, na construção de uma estrutura sólida para a sua implementação. O grupo implementador - do qual fazem parte representantes da comunidade local, do CECFA, do CEACC e do SOLTEC/UFRJ, além de profissionais especializados - se preparou então para receber o público alvo do projeto: os jovens da Cidade de Deus.

No dia 17 de março, aconteceu na creche FIA, na CDD, a oficina de integração dos novos jovens, recheada de frutas em uma mesa montada pelos mesmos. A dinâmica de integração se deu de forma sutilmente natural seguindo os preceitos da metodologia participativa. Sendo assim, os jovens deram suas opiniões e confeccionaram cartazes que mostravam suas expectativas em relação ao projeto e à comunidade. O encontro foi muito produtivo e motivador, tanto para os antigos quanto para os novos membros do projeto. Apesar do cansaço, todos

saímos com energias renovadas. E agora, com nova configuração, continuaremos construindo em conjunto um futuro com mais esperança para a CDD.



Oficina de integração dos novos jovens

Excesso de informação é ruído: O SISCOOPARJ como organizador do fluxo de informações da COOPARJ por Roy David Frankel e Édison Renato



A COOPARJ sempre teve grandes dificuldades no que tange ao gerenciamento de suas informações. Havia dificuldade de saber as posições de estoque, pois as informações estavam na cabeça das pessoas, em vez de estarem disponíveis para todos por meio de uma fonte de dados. O banco de dados de estoque, elaborado em 2006, se propõe a facilitar a gestão de estoques de produtos finais dentro da COOPARJ. No entanto, outras informações vitais para a organização, como a carteira de pedidos e o planejamento, a programação e o controle da produção não eram tratados pelo banco de dados de estoque.

Percebendo essa questão, os próprios cooperados solicitaram que fosse desenvolvido um sistema que concentrasse as informações mais relevantes para o dia-a-dia da cooperativa.

Estamos então desenvolvendo em conjunto com eles (sempre tentando preservar métodos participativos) um sistema de informação batizado de SISCOOPARJ. Trata-se de um conjunto de planilhas em Excel que fornecem a informação necessária para os setores de venda,

manutenção das máquinas e programação da produção.

O SISCOOPARJ possui três grandes módulos (conjunto de planilhas com informações relacionadas): Vendas, Produção e Gestão.

O primeiro módulo a ser implantado é o de Vendas. Atualmente os cooperados estão cadastrando as informações dos clientes, enquanto que a universidade continua desenvolvendo o SISCOOPARJ. Em seguida, será desenvolvido o módulo de Produção e por último o de Gestão.

As três principais dificuldades encontradas na implantação são: a concentração do desenvolvimento do sistema, a baixa disponibilidade de equipamentos na cooperativa e a necessidade de treinamento das pessoas no uso do sistema.

Atualmente apenas uma pessoa desenvolve o SISCOOPARJ. Há necessidade de transmissão de conhecimento sobre Macros e fórmulas do Excel. Há a possibilidade de se agendar um mini-curso para capacitar a equipe do projeto (expansível ao SOLTEC) nesse tipo de conhecimento.

Atualmente na COOPARJ há

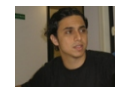
dois computadores disponíveis para a instalação do SISCOOPARJ, mas um deles é bastante defasado tecnologicamente. Hoje se tenta conseguir mais computadores para a COOPARJ, para que seja possível melhorar as condições de trabalho na cooperativa.

Outra grande dificuldade será o treinamento dos cooperados no sistema. Para minimizar esse problema, além do desenvolvimento mais amigável possível das telas, há o envolvimento dos cooperados na construção da planilha, sobretudo na validação de quais campos são necessários para eles e como é a melhor forma de apresentação dos campos.

Como diz o Sidão, excesso de informações é ruído. Falta de informação também gera problemas. O SISCOOPARJ tenta disponibilizar e arrumar o fluxo de informações dentro da cooperativa.

Uma grande questão pendente é o aproveitamento desse sistema para outras iniciativas: como desenvolver um sistema que seja aplicável não somente na COOPARJ, mas também em outras iniciativas? De que forma poderíamos replicar essa experiência?

Espaço Poético - - Poesia de Flávio Chedid



Um coração quando chora,
Precisa ser ouvido.
Há um tanto de lágrimas
Capazes de mudar o curso das coisas.

Um coração quando arde,
Precisa ser estimulado
Antes que o fogo cesse
E retorne à mediocridade dos dias
mornos.